

# O PAPEL DO EDUCADOR COMO FORMADOR DO SUJEITO SOCIAL NO PENSAMENTO DE ALFRED ADLER

Edney Menezes Nogueira<sup>1</sup>  
Patrícia Batista dos Santos<sup>2</sup>

---

1 Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma-Itália; Bacharel em Teologia pelo Pontifício Athneu Regina Apostolorum, Roma-Itália; Licenciado em Filosofia pela FACESA, Alagoas; Professor de Filosofia do Instituto Federal de Sergipe – IFS. E-mail: prof.edney1@gmail.com.

2 Mestre em Educação e Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe – UFS; Professora da Universidade Tiradentes – UNIT; Atua nas áreas de História, Filosofia da Educação e Educação. E-mail: prof.patriciabs@gmail.com

## RESUMO

A educação e, em especial o papel do educador, sempre constituiu interesse de pesquisa seja por parte dos filósofos (que iniciaram seus debates pedagógicos desde o século IV a.c.) seja por parte dos sociólogos e psicólogos que iniciaram seus debates a partir do século XIX. E ainda hoje a apaixonante tarefa do educador continua sendo campo de amplo interesse dos pesquisadores. Todos, ao seu modo e falando de seus próprios púlpitos, estão de acordo em relacionar de forma direta a educação (e o papel do educador, portanto) e a formação e desenvolvimento da dimensão social do sujeito. Se este processo se inicia na família, é bem verdade que é na escola que ele atinge seu momento culminante graças à capacidade que esta possui de lidar com o indivíduo em todas as suas dimensões que o farão de fato um ser humano. Deste tema Alfred Adler tratou de forma direta, dando-lhe especial atenção por entender que é no processo educacional escolar que a pessoa se desenvolve como sujeito social capaz de convivência e cooperação. Para desenvolver esta pesquisa em torno ao pensamento educacional de Adler, fizemos acurada leitura de suas obras principais, buscando nestas a construção deste texto.

## PALAVRAS-CHAVE

Escola. Educador. Sujeito Social.

## ABSTRACT

Education and in particular the role of the educator, always constituted research interest of philosophers (who began his pedagogical debates since the fourth century BC), sociologists and psychologists who began their debates from the nineteenth century. And today the exciting task of the educator is still a wide field of interest of researchers. All in their way and speaking from their pulpits, agree to relate the education (and the role of the educator therefore) and the formation and development of the social dimension of the subject. If this process begins in the family, it is true that is in school who he reaches its climax, thanks to the capacity that the school has to deal with the subject in all its dimensions. Alfred Adler addressed this issue directly, giving special attention to understand what is at school that the person develops as a social subject capable of coexistence and cooperation. To develop this research around the educational thought of Adler, we researched specific literatures.

## KEYWORDS

School. Teacher. Social Subject.

## 1 INTRODUÇÃO

Alfred Adler, fundador da escola de psicanálise denominada Psicologia Individual Comparada, certamente é um dos grandes nomes a ser recordado à origem do movimento psicanalítico ao lado de Sigmund Freud e Carl G. Jung. Adler foi discípulo de Freud até 1908 quando começa a romper com o mestre à causa de suas discordâncias, principalmente no tocante ao conceito e função da libido. Em 1911, já tendo se distanciado de Freud, ele dá início a um movimento que um ano mais tarde será reconhecido e denominado Psicologia Individual Comparada em cuja essência negava a matriz freudiana. Como afirmou Mondin: "o sistema criado por Adler é educativo-diretivo, enquanto o de Freud permanece ligado a uma mentalidade cientificista, mecânica e determinística" (MONDIN, 2002, p. 242).

A Psicologia Individual de Adler busca estudar e compreender o indivíduo humano a partir do ponto de vista de "Ser Social". Segundo ele, o homem não poder ser compreendido se não em relação à sociedade e como membro ativo da mesma. Ainda segundo Adler, a compreensão freudiana do homem colocava este em condição de isolamento. Assim, contrapondo-se ao conceito de libido freudiana, ele vai propor que existem duas estâncias fundamentais na constituição do sujeito que são: a vontade de poder e o sentimento social.

A primeira estância se trata de uma energia inata destinada a orientar o indivíduo seja consciente ou inconscientemente; a segunda se trata de uma natural necessidade de cooperação ao bem comum, como uma forma de desenvolvimento emocional e afetivo. Estas duas energias serão responsáveis por dar um endereço à personalidade do sujeito. A esta, Adler denominará "Estilo de Vida".

O Estilo de Vida se transformará na principal energia, sobretudo inconsciente, que motivará e orientará as ações, atitudes e escolhas do indivíduo. Ela se apresenta como uma meta, ainda que inconsciente, que direcionará o sujeito por toda a vida. Assim sendo, segundo Adler, não é o passado (traumas, bloqueios, repressões,...) como queria Freud e sim o futuro (enquanto meta preestabelecida) a motivar a ação do homem, de forma que, o Estilo de Vida será estabelecido já na primeira infância. E aqui, o papel da mãe é de fundamental importância.

E se de um lado, o papel desempenhado pela mãe é fundamental, do outro, é o educador o grande responsável por desenvolver, orientar e, quando necessário, corrigir os excessos trazidos pela criança do seu ambiente doméstico, a fim de que, a inserção da criança no meio social seja feita de forma segura. É graças a este ambiente coletivo que ela poderá se realizar como pessoa. Mas para isto acontecer, o educador assume a missão de despertar na criança o sentimento comunitário, fazendo com que ela se sinta parte de um todo.

Discutir estas ideias adleriana constitui o objetivo deste artigo. E para tal, fez-se necessário uma acurada leitura das principais obras do Alfred Adler, principalmente "A Psicologia da Educação e A Psicologia Individual na Escola", nas quais ele

desenvolve de forma bastante criteriosa, sua teoria a respeito da Educação Formal, partindo de sua concepção antropológica até chegar ao papel da Escola e, portanto, do educador, que terá como tarefa primordial desenvolver o sentimento coletivo na criança, formando assim, o sujeito social.

## 2 O ESTILO DE VIDA E O PAPEL PRIMORDIAL DA MÃE

Adler reconhece um finalismo, ou seja, um Teos na ação e no comportamento do homem. Ele afirma que "é a perseguição por este fim último a determinar a inteira vida da alma humana" (ADLER, 1994, p. 37). Toda a sua atividade psíquica, sua forma de raciocinar, sua forma de sentir, seus sonhos (diurnos e noturnos), seus desejos (conscientes e inconscientes), enfim, tudo isso possui uma matriz, uma finalidade que esconde e ao mesmo tempo se manifesta dando a atividade mental do indivíduo uma forma orgânica, articulada e coordenada. Afirma Adler (1994, p. 37):

É possível considerar os fenômenos psíquicos também como a alguma coisa que está para acontecer. Se pode, portanto, verdadeiramente conceber o órgão psíquico somente em função da finalidade a que se propõe. Tal é o endereço da Psicologia Individual que toma em consideração os fenômenos da alma, prefigurada a partir da tendência a um objetivo.

A fixação da meta como fim último acontece já nos primeiros anos de vida a partir da percepção da criança diante do mundo. Ao ser lançada na existência a criança se vê totalmente necessitada dos cuidados daqueles que estão à sua volta, especialmente da mãe. A partir do tipo de relação que esta tiver com sua mãe, poderá desenvolver uma postura de otimismo ou de pessimismo perante a vida. Desta forma percebemos que, é a partir da relação com o outro (a mãe) que a criança desenvolve e preestabelece sua meta de vida, que será uma espécie de "mapa vital".

A relação da criança com sua mãe já se prefigura, portanto, como uma relação social. Esta poderá ser ampliada em um horizonte de novas possi-

bilidades, graças ao incentivo da própria mãe, ou poderá permanecer restrita gerando na criança um sentimento de insegurança perante o mundo, cultivando assim certa desconfiança nas suas futuras relações sociais.

Como o indivíduo não vem ao mundo para viver isolado, afirmará Adler (1994, p. 42): "sua vida psíquica só poderá ser compreendida enquadrando-a no âmbito de suas relações sociais". E como vimos acima, o primeiro ensaio dessas relações acontece com a mãe. Sendo assim, a mãe possui duas funções fundamentais: 1<sup>a</sup>. Conquistar a criança, fazendo com que esta veja nela a imagem do próximo; 2<sup>a</sup>. Desenvolver a capacidade de relação social na criança, ampliando os horizontes desta relação.

Uma vez que a criança vem ao mundo desprovida de uma capacidade autônoma de sobrevivência, ela necessita totalmente dos cuidados de outros. E assim, ela percebe que suas necessidades elementares só serão supridas graças a ação de outra pessoa, que normalmente (e assim sempre deveria ser) se trata da mãe. A criança começa a vê-la como extensão de si, como meio de realização de suas necessidades. E como a mãe já representa simbolicamente o outro da sociedade, a criança começa sua relação, entendendo o outro como um meio, pelo qual ela se relaciona com a realidade externa.

Desta forma, o primeiro modelo de relação social construído entre a criança e a mãe é de dependência e instrumentalização. A criança depende de sua mãe, por consequência, a instrumentaliza como forma de realizar seus desejos, sejam eles de ordem afetiva ou física. Esta mediação materna entre a criança e a realidade (mundo – sociedade) deve evoluir para uma esfera superior, a saber, aquela caracterizada pela cooperação.

Esta evolução se inicia, portanto, no âmbito familiar, por meio da mãe, quando esta insere em sua relação com o filho a figura do pai e dos outros membros da família, mostrando à criança que ela (a mãe) e os outros são de fato "outros", independentes e autônomos em relação ao ego que está se formando na criança. Aquele modelo instrumentalizador de relação primária não pode perdurar sendo transferido para a esfera social. Caso contrário, a criança continua

acreditando ser o centro de tudo, tratando as outras pessoas simplesmente como meios para conquistar seus fins desejados.

Este modelo infantil de relacionar-se fere na essência a sociedade, pois, quem não consegue evoluir na relação e continua enxergando o outro como um meio, um instrumento para a realização pessoal, nunca conseguirá criar laços comunitários reais, permanecendo em um comportamento primitivo sem desenvolver-se psicologicamente em suas dimensões sociais, afetivas e emocionais. E aquele que não se desenvolve socialmente, dirá Adler, não desenvolve sua verdadeira essência, uma vez que, o ser humano é essencialmente um ser social.

Sem a consciência do coletivo o homem não se realiza verdadeiramente como 'Humano'. Aristóteles já havia alertado para esta realidade quando, em seu livro 'Política' definiu o homem como sendo 'um animal por natureza político' (ARISTÓTELES, 2004, p. 146). Aqui vale salientar a força significativa do termo 'Natureza' quando usada por Aristóteles. É uma *conditio sine qua non* para que o ser seja exatamente aquilo que ele é, e se transforme cada vez mais em si mesmo, passando continuamente de um estado de potência ao ato. Esta passagem progressiva (portanto pedagógica) é um caminho teleológico de perfeição. O ser se torna mais perfeito quando se transforma nele mesmo (ARISTÓTELES, 1995).

É seguindo esta linha de raciocínio antropológico que Adler interpreta o ser humano e entende que este não pode ser desenvolvido, compreendido e, por conseguinte explicado, se não em sua dimensão social. O homem enquanto indivíduo, o é apenas em relação à sociedade a qual ele pertence. Esta pertença, certamente, não se trata de uma dimensão passiva, mas sim, dinâmica. À medida que o indivíduo pertence à sociedade e recebe desta a influência para a sua formação como sujeito, ele o é (sujeito) também à medida que se coloca em uma posição ativa de cooperação e convivência.

O primeiro passo da criança em direção à realidade social é dado sob a orientação materna. A mãe se torna aqui a primeira educadora na formação do sujeito social quando esta promove o 'corte ao cordão umbilical' que mantinha seu filho preso

e totalmente dependente a ela, seja fisicamente ou afetivamente, para lança-lo na arriscada, porém necessária, aventura das múltiplas relações. Somente neste ambiente onde as relações se cruzam, formando uma rede social organizada, é que o indivíduo humano evolui como tal.

### 3 O PAPEL DO EDUCADOR COMO FORMADOR DO SUJEITO SOCIAL

Se de um lado o papel da mãe é de fundamental importância na formação do aspecto social do indivíduo, do outro, cabe à Escola o papel de continuar e desenvolver aperfeiçoando essa dimensão de socialização do sujeito. Adler afirmou que 'a escola não é a primeira relação social da criança. Essa é precedida pela relação familiar' (ADLER, 2003, p. 52), mas também afirmou que 'a principal tarefa da educação está na arte de saber fazer nascer na criança a aspiração a um ideal de sociabilidade' (ADLER, 2003, p. 56). Portanto, aquilo que se inicia no ambiente doméstico sob a orientação materna, encontra na escola o ambiente necessário para desenvolver-se. A educação formal escolar é a verdadeira responsável pelo desenvolvimento do homem. A escola não é, no entanto, uma extensão da família, visto que, cada qual cumpre seu papel de acordo com sua própria finalidade.

A educação deve estar preocupada verdadeiramente com o homem em sua formação integral, não aquela que visa tão somente preparar o sujeito para o mercado de trabalho, reduzindo apenas a uma única dimensão, a saber, a técnica. Uma educação cujo papel fundamental da escola seja como afirmou Adler:

Formar indivíduos que sejam capazes de trabalhar de modo autônomo na vida e, ao mesmo tempo, que não considerem os problemas da comunidade como problemas a eles estranhos, mas sim, problemas que dizem respeito diretamente a eles, e assim colaborem nas devidas soluções (ADLER, 2003, p. 51).

Autonomia e cooperação, eis as duas metas da educação. A primeira visa formar homens capazes

de agir com liberdade e, a segunda, homens capazes de agir com responsabilidade. Ambas aludem à esfera da dimensão social do sujeito. Sem a consciência coletiva a autonomia e a cooperação estarão comprometidas.

Uma vez que, segundo Adler (2003, p. 113), 'as situações que os indivíduos devem enfrentar na vida são sempre de natureza social', estes só poderão ser enfrentados mediante o nível de senso comunitário adquirido pelo indivíduo. É papel da escola, portanto, desenvolver este senso comunitário no sujeito.

Afirma Adler (2003, p. 115): 'com a educação do sentimento comunitário, podemos evitar muitos fracassos na vida de uma pessoa'. Desta forma, a escola é mais que um momento de preparação técnica para o sujeito ingressar no mercado de trabalho, mas é, acima de tudo, uma preparação para a vida em todos os seus aspectos e suas mais variadas dimensões. Esta é formadora de consciência e, por consequência, transmissora de valores que estão à base da formação de um determinado povo.

A Escola não pode atuar em seu papel apenas como reprodutora de uma determinada 'cultura', como se ela devesse está sempre se adequando ao meio social externo. Ela precisa assumir seu papel e sua sublime missão de agir como questionadora e, porque não dizer, transformadora da realidade social. A escola deve sempre indagar a respeito da veracidade e da bondade daquilo que é proposto como inovações sociais e culturais. Ela não poder se curvar a modismos, característica própria do agir da grande massa. É sua tarefa formar homens para a vida social e não se curvar aos caprichos ditados por um determinado grupo manipulador que faz seus interesses, quase sempre apenas econômicos, ecoar na mídia como se fosse o grande oráculo da humanidade.

Adler (2003, p. 51) reconhece, no entanto, que 'a escola historicamente se desenvolveu de forma orgânica em relação às necessidades da sociedade'. De forma que, a escola sempre cumpriu seu papel social, sem, contudo, pertencer à esfera daquela estância manipuladora, como Karl Marx havia pensado a escola. Esta, afirmou Adler (2003, p. 51), 'sempre teve sua estrutura moldada a fim de corresponder as exigências da sociedade'.

Ainda hoje o problema da estrutura curricular das escolas suscita discursões, envolvendo cientistas de várias áreas do conhecimento. Permanece, todavia, segundo nosso autor, 'como sendo a base da educação formal de um povo' (ADLER, 2003, p. 51). É nesse sentido que a escola não pode se render à tentação do comodismo de agir como mera reprodutora de uma 'cultura de massa', mas sim, apresentar-se como instrumento de direcionamento, não abrindo mão de valores fundamentais que fundam a sociedade. 'A solidariedade deve ser o grande ideal' (ADLER, 2003, p. 63).

A nossa tarefa como educadores, afirmou ele, 'é de educar crianças para que se tornem instrumentos ativos do progresso social' (ADLER, 2003, p. 63). Tal progresso passa necessariamente pelo viés da cooperação. Assim, continua Adler (2003, p. 64), 'o educador tem a tarefa de individuar insuficiências e de corrigir-las, encontrando um modo de levar a criança a estar no mesmo nível dos demais'. Este nivelamento consiste na construção da própria percepção que a criança tem de si mesma perante a sociedade. Ela precisa desenvolver o sentimento de pertença a esta sociedade e, este sentimento, nos diz Adler (2003, p. 83), 'é a unidade de medida com o qual o educador pode avaliar seu trabalho'.

À medida que a criança vai desenvolvendo o sentimento comunitário, ela passa a abandonar aquele sentimento de pessimismo natural de quem vê o mundo como coisa pronta e predeterminadamente sobreposta e assume uma postura de coragem. Esta, afirma Adler (2005, p. 282), 'é o sentimento de quem acredita pertencer a alguém'. Este sentimento de pertença à coletividade retira a criança daquela esfera de egoísmo e a insere na dinâmica das relações sociais. E é por meio da esfera das relações sociais que a criança consegue desenvolver-se verdadeiramente como ser humano, abrindo-se àquela realidade que a fará capaz de realizar-se como pessoa. A realização pessoal, portanto, depende do grau de capacidade que cada indivíduo desenvolverá ao relacionar-se com os demais.

A Psicologia Individual escreve Adler (1997, p. 31), 'se situa à base da evolução e à luz desta considera a aspiração do homem uma aspiração à perfeição'. Esta perfeição é uma meta que só

pode ser perseguida mediante a convivência social, pois, é na sociedade que o homem desenvolve suas habilidades próprias, servindo-se destas, ao mesmo tempo em que as coloca a serviço dos demais. É neste sentido que ele escreve: ‘a evolução do indivíduo não conhece trégua. A meta da perfeição nos atrai constantemente’ (ADLER, 1997, p. 35). Esta atração se manifesta como sendo o Telos da vida e, como já vimos anteriormente, se inicia já nos primórdios da vida quando a criança começa a perceber a mãe como sendo um alter independente, e contemporaneamente interdependente. E desta forma, continua ele:

Todos os problemas, aqueles que dizem respeito à amizade, à fraternidade... em fim, à humanidade e à cooperação, tendem a resolver-se, de modo certo ou errado, já na primeira infância com a mãe, pois esta é a representação primeira do ‘outro’ e está presente no primeiro momento do desenvolvimento social da criança; é da mãe que a criança recebe por primeiro impulso a orientar-se na vida, a fim de conceber-se a si mesma como parte do todo. (ADLER, 1997, p. 35).

O papel materno, no entanto, logo deve ser substituído pelo papel do educador, pois somente na escola a criança encontrará de fato ambiente e condições necessários ao seu desenvolvimento emocional, psicológico e, portanto, social. O educador atuará de forma instrutiva, mas também corretiva, visto que, a criança traz consigo, do ambiente doméstico, vícios adquiridos, principalmente aqueles que as fizeram acreditar que eram únicas, tais como astros sendo os demais satélites. A tarefa corretiva do educador será, afirma Adler (2003, p. 84):

[...] individuar e, portanto, corrigir os desvios que impedem o desenvolvimento do sujeito social na criança... e neste processo de identificação é essencial a contextualização dos fatos e acontecimentos que impediram o desenvolvimento do sujeito social na criança em sua fase pré-escolar.

Na sala de aula, o educador encontrará diversas situações no comportamento das crianças que necessitarão de correção e redireciona-

mento. Devemos assumir a função de ampliar os horizontes do sentimento comunitário na criança. Isto será possível a partir de uma acurada observação do comportamento social embrionário, ou seja, aquele simbolizado a partir das atividades lúdicas. É possível observar, por exemplo, o comportamento das meninas ao brincarem com as bonecas. Certamente ali haverá uma reprodução da relação que tiveram com suas mães no ambiente doméstico.

É possível observar também, por meio de jogos de equipes, como se comportam ao ter que dividir tarefas e responsabilidades. Como agem frente à vitória ou à derrota, em fim, é possível já ter uma ideia da percepção primária que elas possuem da vida comunitária. Quanto mais cedo identificar os pontos de correção, mais fácil de corrigir. E como afirmou De Koninck (2007, p. 31) ‘A natureza pode ser educada. O importante é começar no bom momento. O melhor momento é a infância quando a natureza é flexível’.

É na escola que a criança encontrará ocasião de vivenciar desafios novos no campo afetivo e cooperativo. A criança é deslocada de seu ambiente doméstico, onde ela já havia construído sua base da plataforma afetiva primária, para se confrontar com novas realidades no campo das relações. Ali, gradativamente, ela aprende que não é única (no sentido de ser o centro) tomando consciência da presença de ‘outros’. Longe de se tratar de uma ocasião de traumas e, de certa forma retrocesso afetivo, quando não bloqueio – esta é uma privilegiada ocasião para o educador observá-la e assim poder orientá-la em direção à vida social. Constitui, por sua vez, para a criança, ocasião de crescimento e amadurecimento emocional. Aproveitando desta oportunidade, aqui entra em cena o papel do educador.

É em vista do desenvolvimento integral da criança que o educador deve ser muito mais que um transmissor de conteúdos e de informações. A sua tarefa exigirá capacidade perceptiva ao individuar, identificar e orientar as habilidades inerentes a cada sujeito. Quanto mais cedo identificar o Estilo de Vida assumido por cada indivíduo, mais fácil de incentivar o que deve ser incentivado e corrigir o que deve ser corrigido. Toda e qualquer tendência ao isolamento, ao individualismo e a não

cooperação deve ser prontamente desencorajada. O fator crucial permanece o sentimento social, pois ‘todos os distúrbios que causam uma diminuição deste sentimento, causam um efeito extremamente nocivo ao desenvolvimento mental do sujeito’ (ADLER, 2003, p. 165).

É importante que o educador tome consciência e, gradativamente também os educandos, que a sociedade é o habitat natural do ser humano. Sem ela nossa humanidade está gravemente comprometida, uma vez que, graças a ela temos a oportunidade de desenvolver nossas habilidades e, colocando-as a serviço do todo nos construímos em nossa própria individualidade. É também graças à sociedade que as coisas ganham significados e passam a compor o arcabouço de sentidos que acabam por nortear a nossa vida.

Afirma Adler (1994, p. 23) que ‘nós seres humanos vivemos no reino dos significados. Não experimentamos os fenômenos puros e simples, mas os experimentamos em relação aos significados que eles possuem para nós’. Os significados, no entanto, possuem um carácter coletivo. E graças a este carácter coletivo dos significados desenvolvemos a linguagem e encontramos elos comuns para as mais diversas construções das relações sociais. A família, a religião, a escola, enfim, todos estes grupos são possíveis porque possuem à sua base elementos comuns e significativos a todos os indivíduos que os constitui.

A escola, assumindo o seu papel de educar para a sociedade, certamente, contribui de forma extraordinária na construção dos significados. Estes são, na verdade, valores que permitem a boa convivência e a mútua cooperação entre os indivíduos. Formando e, portanto, orientando a consciência social na criança, o educador ajuda a formar o mais importante dos significados, a saber, o sentimento de coletividade.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar, sem dúvidas, é uma arte. Assim como o artista retira o belíssimo busto de Vênus de um bloco de mármore, o educador extrai da natureza humana bruta um ser humano lapidado e pronto à convivência com seus semelhantes. E assim como o trabalho do escultor demanda tempo, em-

penho e paciência, o trabalho do educador não é diferente. As grandes obras de artes da humanidade, aquelas que resistem à ação do tempo, precisaram de décadas para ser construídas. O ser humano, paragonado a uma obra de arte, é uma construção que se inicia desde seu nascimento e se estende por toda a vida.

O segredo de uma construção resistente é, com toda a certeza, o alicerce. É sobre este que se eleva a obra a ser construída. As bases da construção humana, segundo Adler, são lançadas nos primórdios da vida do indivíduo e é a mãe a grande responsável por dar início a este processo que findará por formar o sujeito humano. No entanto, é do educador a responsabilidade por levar a cabo esta obra. Assim, Adler preferiu substituir a nomenclatura ‘professor’ por educador, acreditando ser esta mais abrangente e expressar com maior significado o papel que este desempenha na sala de aula. Esta deve ser uma espécie de laboratório onde o sujeito é preparado para a vida social.

É graças a esta capacidade de inserção na sociedade que o indivíduo se desenvolve e se realiza como sujeito pessoal. É ainda graças a esta convivência com a coletividade que ele encontra elementos significativos que acabam por construir o horizonte de significados que dão um sentido à sua vida. Desta forma, percebe-se a grande responsabilidade daquele que educa. É uma tarefa que envolve muito mais do que conhecimento de conteúdos. Exige capacidade e, sobretudo, sensibilidade que o faça capaz de orientar mentes e corações, pois, à medida que o intelecto vai se desenvolvendo, se faz necessário também um desenvolvimento afetivo que se matura à medida que os laços sociais vão se formando.

A matéria prima que o educador tem em suas mãos são pessoas. Em se tratando de crianças, não estão prontas, formadas e nem mesmo já nasceram pré-programadas a desempenhar um determinado rolo na sociedade. Tudo dependerá de suas escolhas. Estas, porém, podem ser orientadas à finalidade do bem comum pela escola. Assim, o educador trabalha em vista a formar sujeitos cuja consciência colectiva os permita encontrar seu espaço na sociedade.

Alfred Adler acreditava no potencial da educação formal como meio eficaz de transforma-

ção e renovação da sociedade. Ele defendia que o papel da escola supera seu aspecto meramente técnico profissional, atuando, sobretudo, como formadora de consciências. Seu interesse volta-se primariamente para a educação de crianças, em se tratando da base por sobre onde se constrói a sociedade. No entanto, seu ideal educacional se estende a todas as etapas da escolaridade, como uma formação contínua e ininterrupta.

A formação infantil demanda uma atenção toda especial por se tratar de formação de base. Aqui é lançada a pedra fundamental na formação do sujeito. Com métodos e técnicas adequadas a criança vai entendendo pertencer a um grupo social e, aos poucos, vai se descobrindo membro ativo do mesmo, desenvolvendo sua capacidade de convivência e também de cooperação. Acreditando nisso, Adler entendeu que o princípio da co-lectividade é a base de toda e qualquer formação.

## REFERÊNCIAS

- ADLER, A. **Cosa la avita dovrebbe significare per voi**. Tradução de Francesco Parenti. Roma: Newton, 1994.
- ADLER, A. **La conoscenza dell'uomo nella psicologia individuale**. Tradução de Francesco Parenti. Roma: Newton, 1994.
- ADLER, A. **Il senso della vita**. A cura di Pier Luigi Pagani. Roma: Newton, 1997.
- ADLER, A. **La psicologia individuale nella scuola**. A cura di Gastone Canziani. Roma: Newton, 2003.
- ADLER, A. **Psicologia dell'educazione**. A cura di Gastone Canziani. Roma: Newton, 2003.
- ADLER, A. **La técnica della Psicologia individuale**. A cura di Egidio Ernesto Marasco. Roma: Newton, 2005.
- ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. A cura di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 1995.
- DE KONINCK, T. **Filosofia da educação: ensaio sobre o devir humano**. São Paulo: Paulus, 2007.
- MONDIN, B. **Storia dell'Antroologia Filosofica**. Bologna: ESD, 2001.

---

Recebido em: 18 de Julho de 2017  
Avaliado em: 5 de Agosto de 2017  
Aceito em: 12 de Agosto de 2017

---

